

ESTILÍSTICA TRADUTÓRIA, TEMAS E GÊNERO EM *PSYCHOLOGY*, DE MANSFIELD, E EM TRÊS DE SUAS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

TRANSLATIONAL STYLISTICS, THEMES, AND GENDER IN PSYCHOLOGY, BY MANSFIELD, AND IN THREE OF ITS TRANSLATIONS INTO BRAZILIAN PORTUGUESE



Márcia Tavares CHICO
Doutoranda em História
Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
orcid.org/0000-0001-7574-9655
marciatch@gmail.com

Roberta Rego RODRIGUES
Professora associada
Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
Bacharelado em Letras/Tradução
orcid.org/0000-0002-1580-1789
betareseau@gmail.com

167

Resumo: Partindo da Estilística Tradutória (MALMKJAER, 2003; 2004), a qual é a análise linguística de textos traduzidos, em comparação ao texto literário-fonte, para o entendimento das modificações tradutórias; e da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), a qual vê a linguagem como produtora de significado e procura entender como tal significado é construído dentro de um determinado texto, o presente artigo examina o conto *Psychology* (MANSFIELD, 2001) e três de suas traduções para o português brasileiro feitas, respectivamente, por Julieta Cupertino (MANSFIELD, 2000), Paola Castro Oliveira (MANSFIELD, 2015) e Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016). O intuito é verificar como os Temas se realizam no corpus e como as personagens se manifestam através dos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos. Procura-se verificar, também, como questões de gênero são apresentadas nas narrativas (SIMON, 2005). Para a realização da análise, elencamos as seguintes perguntas: a) Como se realizam os Temas no corpus?; b) Como se manifestam as personagens no âmbito dos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos?; e c) O que pode ser afirmado acerca de questões de gênero e de narratividade com base na classificação dos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos? Cumpre salientar que a investigação da estrutura temática, bem como de questões de gênero e de narratividade não é exaustiva, mas é um bom exemplo de como esses assuntos podem ser relacionados. Os Temas foram anotados manualmente no corpus em formato eletrônico e quantificados no programa computacional *WordSmith Tools* (versão 4.0). Podemos concluir que a estrutura temática nos contos, em relação de tradução, não é restrita, sendo que uma ampla variedade de Temas pode ser observada. O texto-fonte e os textos-alvo apresentam maior número de Temas múltiplos que de Temas simples, sendo os primeiros Temas interpessoais e/ou Temas textuais, vinculados aos Temas ideacionais. Também podemos concluir que, quando se trata de uma análise em conjunto, as personagens femininas são mais frequentes que as personagens masculinas. No entanto, o mesmo não acontece quando se analisa apenas a personagem feminina principal e a personagem masculina principal.

Palavras-chave: Estilística Tradutória. Linguística Sistemico-Funcional. Estrutura Temática. Gênero. Contos.

Abstract: Based on *Translational Stylistics* (MALMKJAER, 2003, 2004), which is the linguistic analysis of translated texts in comparison to the literary source text to understand the translation shifts; and on *Systemic Functional Linguistics* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), which regards language as producing meaning and seeks to understand how such meaning is realized on a certain text, this article delves into the short story



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Psychology (MANSFIELD, 2001) and three of its translations to Brazilian Portuguese: by Julieta Cupertino (MANSFIELD, 2000), Paola Castro Oliveira (MANSFIELD, 2015), and Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016). It aims to verify how the Themes are realized in the corpus and how the characters manifest through Participant Ideational Themes and Elliptical Participant Ideational Themes. We also seek to verify how questions of gender are presented in the narratives (SIMON, 2005). To carry out the analysis, we addressed the following questions: a) How are the Themes realized in the corpus?; b) How do characters manifest when it comes to Participant Ideational Themes and Elliptical Participant Ideational Themes?; and c) What can be said about questions of gender and narrativity from the classification of Participant Ideational Themes and Elliptical Participant Ideational Themes? It is worth mentioning that the investigation of thematic structure, gender, and narrativity is not exhaustive, but it is a good example of how these topics can be related. The Themes were annotated manually in the electronic corpus and quantified through WordSmith Tools (version 4.0). We could conclude that thematic structure in the short stories, concerning translation, is not restricted, with a wide variety of Themes being observed. The source text and the target texts present a greater number of Multiple Themes than they do Simple Themes, the first ones being Interpersonal Themes and/or Textual Themes, which are connected to Ideational Themes. We could also conclude that, when it comes to an analysis of the total of female and male characters, female characters are more frequently realized than male characters. However, the same cannot be said when only the main female character and the main male character are analyzed.

Keywords: Translational Stylistics. Systemic Functional Linguistics. Thematic Structure. Gender. Short Stories.

Introdução

168

Este artigo trata da análise estilístico-tradutória do conto *Psychology* (MANSFIELD, 2001) e de três de suas traduções para o português brasileiro. As traduções foram feitas por Julieta Cupertino (MANSFIELD, 2000), Paola Castro Oliveira (MANSFIELD, 2015) e Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016). Tem por objetivo investigar como os Temas se manifestam no corpus. Tem por objetivo, também, analisar como as personagens se realizam sob a perspectiva da estrutura temática, no texto-fonte e nos textos-alvo, no tocante a questões de gênero e narratividade.

Utilizamos, para fins do artigo, o conceito de Estilística Tradutória (MALMKJAER, 2003, 2004), o qual diz respeito à investigação linguística de textos literários em relação de tradução. A Estilística Tradutória analisa as escolhas de uma tradutora¹ durante o processo de tradução de um texto, procurando entender o *porquê* de tais escolhas. Também fazemos uso da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) em termos de léxico-gramática e de semântica, ao focar o componente estrutural da metafunção textual, qual seja, o da organização temática, que se relaciona ao conjunto de Temas de um texto. Preocupamo-nos em analisar questões de gênero presentes na narrativa, pois a linguagem ainda é uma das responsáveis por manter e até mesmo instituir a desigualdade de gênero (BERSIANIK, 1976 apud SIMON, 2005). Além disso, abordamos a narratividade dos textos traduzidos, focando-nos nas escolhas tradutórias e na classificação de Temas, sempre lembrando que uma narrativa está dentro de um contexto de cultura (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Temas são categorias estruturais da metafunção textual (HALLIDAY, 1994) ao passo que gênero é um campo de estudos social (SIMON, 2005). Como adotamos uma perspectiva ascendente (PYM, 2017), verificamos no corpus como os Temas ideacionais participantes e os Temas ideacionais participantes elípticos, em que as personagens femininas e masculinas são realizadas, podem informar sobre gênero no texto-fonte e nos textos-alvo. Assim, parte-se de uma perspectiva microcontextual em direção a uma perspectiva macrocontextual (PYM, 2017). Acreditamos que esse método indutivo pode contribuir para investigações que levam em conta a relação entre categorias menos abrangentes com aquelas mais abrangentes, lembrando que Simon (2005) e Barros (2010) apontam a ligação de gênero gramatical com os estudos de gênero sob o viés ideológico. Cabe destacar que não é exaustivo o estudo da estrutura temática, de questões de gênero e da narratividade neste artigo. Porém, o estudo exemplifica satisfatoriamente como esses tópicos podem ser relacionados.

As seguintes perguntas de pesquisa orientam este trabalho:

- a) Como se realizam os Temas no corpus?
- b) Como se manifestam as personagens no âmbito dos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos?
- c) O que pode ser afirmado acerca de questões de gênero e de narratividade com base na classificação dos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos?

Procuramos responder a estas perguntas levando em consideração as teorias adotadas e a metodologia empregada.

1 Fundamentação teórica

A estilística, também conhecida como “linguística literária”, pode ser vista como o estudo linguístico de textos literários, mesmo que estes não sejam o foco exclusivo da estilística. Trata-se de um campo de estudo interdisciplinar, utilizando abordagens de outras áreas, como a neurociência e os estudos de gênero (BURKE, 2014).

Burke (2014) apresenta a visão de várias outras autoras sobre o que é a estilística e como ela deve ser aplicada. Simpson (2010 apud BURKE, 2014) acredita que a estilística é um método de interpretação textual cujo principal foco é a língua em uso. Carter (2010 apud BURKE, 2014) diz que a estilística, como uma ciência, deve ser “aberta, evidenciada e recuperável”² (CARTER, 2010 apud BURKE, 2014, p. 2). Burke (2014) acrescenta, às ideias de Carter, que a parte analítica da estilística advinda da área das humanidades também é altamente importante. Outro autor mencionado, Short (1996 apud BURKE, 2014) acrescenta

que a estilística deva trazer evidências e descrições linguísticas robustas para apoiar as análises críticas feitas pelos estudos literários, as quais se baseiam em interpretação. Assim, a estilística evidenciaria linguisticamente no texto as análises interpretativas (SHORT, 1996 apud BURKE, 2014).

Burke acredita que uma estilista é como um “crítico discursivo forense ou empírico”³ (BURKE, 2014, p. 2), pois é uma pessoa com amplo conhecimento linguístico e que procura evidências linguísticas para apoiar ou não as interpretações subjetivas feitas pela análise literária ou por comentaristas culturais. Assim, para ele, a estilística “encoraja a crítica literária para tratar mais acerca do que simplesmente opiniões”⁴ (BURKE, 2014, p. 3).

Chapman e Clark (2014) concordam com a descrição de Burke (2014) sobre o que vem a ser a estilística. Segundo os autores, a estilística estuda como a análise cuidadosa da linguagem pode contribuir para a avaliação de como os textos são compreendidos pelas leitoras.

Assim como Burke (2014), Chapman e Clark (2014) acreditam que o foco da estilística não é “oferecer novas leituras ou sugerir interpretações ou avaliações” mas sim “entender e explicar como tais leituras, interpretações e avaliações surgem, se desenvolvem e se espalham”⁵ (CHAPMAN; CLARK, 2014, p. 6). Desse modo, a estilística procura entender como as leitoras respondem aos textos que leem e como elas chegam a possíveis interpretações.

Malmkjaer (2003; 2004) analisa estilisticamente textos traduzidos, comparando-os com o texto literário-fonte a fim de verificar as modificações entre esses textos, o que vem a ser chamado, por ela, de estilística tradutória.

Segundo Malmkjaer (2003), um exercício em estilística analisaria não somente *como* o texto constrói significado, mas também o *porquê* das escolhas da escritora em relação ao texto. A análise do *porquê* em estilística necessita da verificação de elementos extralinguísticos, tais como convenções do tipo de texto ou o *quê*, precisamente, a escritora quer dizer em seu texto (MALMKJAER, 2003). Além disso, há também fatores que não se apresentam de maneira cônica à escritora, ou seja, os políticos ou ideológicos (MALMKJAER, 2003).

Quando se trata de estilística tradutória, as escolhas de uma tradutora são ainda mais limitadas do que as de uma escritora, visto que a primeira tem de se basear no texto-fonte (MALMKJAER, 2003). Segundo a autora, essa restrição não é encontrada em análises estilísticas que não sejam tradutórias.

Consoante Malmkjaer (2004), a mediação através da tradução envolve pelo menos duas línguas, cujos detalhes não se corresponderão, o que faz com que a tradutora tenha que fazer escolhas linguísticas e que enfrente restrições. Assim, um texto mediado pela tradução possui

quatro características específicas: 1) é afetado pelas escolhas e pela interpretação da mediadora; 2) a mediação através da tradução tem um propósito; 3) essa mediação e as escolhas da mediadora podem criar um texto com um propósito diferente do apresentado pelo original; e 4) o público-alvo do texto mediado é diferente do público-alvo do texto-fonte (MALMKJAER, 2004).

Malmkjaer (2003) menciona que a estilística tradutória poderia ser de grande utilidade para os estudos culturais comparativos, pois a comparação entre texto-fonte e texto traduzido ilustra diferenças socioculturais: o que é permitido em uma cultura pode ser visto como ofensivo ou equivocado em outra, podendo assim culminar em omissões na tradução.

A título de exemplificação, Malmkjaer (2004) utiliza a tradução para o inglês britânico de Henry Dulcken do texto *Den lille Pige med Svovlstikkerne*, de Hans Christian Andersen (1848), mostrando que o texto traduzido de Dulcken apresenta-se como mais econômico que o de Andersen, sem repetições como no texto-fonte. Após a análise da tradução de *Den lille Pige med Svovlstikkerne* (ANDERSEN, 1848 apud MALMKJAER, 2004), feita por Dulcken, a autora busca uma explicação para as escolhas linguísticas. Segundo ela, a análise estilística tradutória procura analisar os padrões na relação entre o texto-fonte e o texto traduzido. As traduções de Dulcken das histórias de Andersen são cuidadosas quando modificam a junção do divino e do secular (MALMKJAER, 2004).

Por conseguinte, Malmkjaer (2004) analisa as visões tidas pela protagonista de *Den lille Pige med Svovlstikkerne* (ANDERSEN, 1848 apud MALMKJAER, 2004) nas traduções de Dulcken, o que confirma o mencionado anteriormente: a história de Andersen é criada com a intenção de mostrar o divino sendo invocado na mente de uma menina visionária enquanto a tradução de Dulcken é feita com a intenção de separar os planos terrestre e divino, não criando uma personagem com a qual tenhamos empatia como no caso do texto-fonte.

Barcellos (2016) afirma que os estudos descritivos da tradução vêm incluindo a análise de textos traduzidos para entender a presença discursiva da tradutora, tentando distinguir esta presença de traços de estilo da autora do texto-fonte. A autora analisa o conto “Oliver’s evolution” de John Updike, retirado das coletâneas *Licks of love*, e sua tradução, “A evolução de Oliver”, feita por Paulo Henriques Britto e que está presente na obra *Coelho se cala e outras histórias*. Os textos foram digitalizados e as páginas salvas como figuras. Estas últimas foram convertidas para arquivos de extensão .doc e, posteriormente, para arquivos de extensão .txt. Esses textos foram analisados quantitativamente através do programa computacional *Wordsmith Tools* (versão 6.0) (BARCELLOS, 2016).

Os contos foram primariamente analisados nos quesitos relação de dados de variedade lexical, quantidade de sentenças e tamanho médio das sentenças. O texto traduzido (TT) apresentou um maior grau de variedade lexical, maior tamanho médio de sentenças e maior número de sentenças do que o texto-fonte (TF). Após, as sentenças foram analisadas buscando as escolhas linguísticas do tradutor e as estratégias de tradução. Pode-se observar que ocorrem várias instâncias de explicitação e normalização (BARCELLOS, 2016).

Segundo Barcellos (2016), o comportamento do tradutor pode ser considerado padrão para textos traduzidos. Entretanto, o tradutor quebra o padrão em certos momentos ao, por exemplo, explicitar o nome das personagens e acrescentar expressões convencionais, o que pode indicar suas próprias questões idiossincráticas (BARCELLOS, 2016).

Levando em consideração que a estilística tradutória é o estudo linguístico de textos literários em relação de tradução (MALMKJAER, 2003; 2004), a Linguística Sistêmico-Funcional foi a teoria eleita para investigar a estrutura temática no conto *Psychology*, de Mansfield, e em três de suas traduções para o português brasileiro.

Martin (2016) cita o artigo *Categories of theory of grammar* (HALLIDAY, 1961) como sendo o trabalho que fundou o que viria a ser chamado de Linguística Sistêmico-Funcional. Segundo Martin (2016), primariamente, o artigo parecia utilizar-se das ideias de Hjelmslev (1961) sobre níveis de forma e substância e de Firth (1957) sobre níveis de contexto.

Halliday e Matthiessen (2014) consideram a linguagem como sendo produtora de significados. A Linguística Sistêmico-Funcional analisa, desse modo, como os significados são construídos dentro de um texto e como o texto possui determinado significado para a leitora (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Assim, segundo os autores, a Gramática Sistêmico-Funcional é vista como uma série de sistemas que permitem que a usuária da língua produza significados em vários contextos de comunicação.

Em sua Linguística Sistêmico-Funcional, Halliday e Matthiessen (2014) postulam três categorias, dentre outras, que nos ajudam a compreender melhor a funcionalidade da linguagem. São elas: a metafunção interpessoal, a metafunção ideacional e a metafunção textual.

A metafunção interpessoal, de acordo com Ravelli (2000), trata do tipo de interação, de relação, que é construída entre as/os falantes por meio da linguagem. Já a metafunção ideacional, conforme a autora, trata daquilo que está sendo representado, do que está acontecendo no mundo. Para Ravelli (2000), a metafunção ideacional apresenta dois componentes, um experiencial, o qual se manifesta em Processos, Participantes e

Circunstâncias; e um lógico, o qual abrange a expansão e a projeção bem como as relações hipotáticas, paratáticas e de encaixe no âmbito dos Complexos Oracionais. A hipotaxe assemelha-se à grande parte das orações subordinadas; a parataxe a orações coordenadas; e as orações encaixadas se relacionam às orações subordinadas adjetivas.

A metafunção textual pode ser descrita como a maneira com a qual nós nos relacionamos com a mensagem. Um dos enfoques do componente estrutural da metafunção textual recai sobre o Tema. A análise conjunta dos Temas de um texto mostra a estrutura temática do mesmo. Outro elemento estrutural da metafunção textual é o Rema, o qual é constituído pelo restante da mensagem após o Tema (RAVELLI, 2000).

A estrutura temática de um texto é alcançada mediante a identificação de seus Temas, como já mencionado. Segundo Halliday (1994), os Temas são constituintes textuais que introduzem o assunto a ser tratado nas orações. Esse assunto costuma ser desenvolvido nos Remas, conforme o autor. Desse modo, uma oração com transitividade e modo oracional é constituída de um Tema e um Rema, que são categorias estruturais da metafunção textual (HALLIDAY, 1994). Em textos literários, a identificação de Temas torna-se relevante, visto que frequentemente as personagens encontram-se em posição temática. Assim sendo, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a estrutura temática desses textos contribui para o entendimento da narrativa.

Os Temas podem ser simples ou múltiplos. Quando são simples, apresentam somente o constituinte ideacional. Quando são múltiplos, além do constituinte ideacional, apresentam os constituintes interpessoal e/ou textual. Os Temas múltiplos possuem mais carga semântica, uma vez que juntamente ao significado ideacional, há interpessoalidade e/ou textualidade temática (EGGINS, 2004).

Os Temas podem ser não marcados ou marcados. Eles são não marcados quando coincidem com o Sujeito da oração. Quando não coincidem, criam uma posição “atípica”, que os torna marcados. Cumpre salientar que somente os Temas ideacionais podem ser considerados não marcados ou marcados (MARTIN; ROSE, 2007).

A interpessoalidade temática é verificada mediante os Temas interpessoais. Eles podem ser Adjuntos Modais, por exemplo. Já a textualidade temática é constatada por meio dos Temas textuais que podem ser Conjunções ou Adjuntos Conjuntivos. Os Temas interpessoais e textuais conferem mais significados aos Temas ideacionais, como dito anteriormente (EGGINS, 2004).

Os Temas ideacionais podem ser chamados de experienciais (PAGANO, 2005) ou tópicos (HALLIDAY, 1994). Chamamos esses Temas de ideacionais por acreditarmos que tal

classificação seja mais abrangente. Consoante Halliday (1994), os Temas ideacionais prototípicos são Participantes (grupos nominais) ou Processos (grupos verbais) ou Circunstâncias (grupos adverbiais). Quando há a elisão do Sujeito que é Tema da oração, segundo Gouveia e Barbara (2004), consideramos que esse Tema é ideacional participante elíptico. Ademais, conforme Frio (2016), uma oração hipotática (subordinada) reduzida ou não no início da sentença é tida como um Tema ideacional oracional.

As estruturas tematizadas (THOMPSON, 2014) são casos especiais de Temas, já que eles estão mais intrinsecamente relacionados com a oralidade e a coloquialidade. São eles: Tema ideacional comentário; Tema ideacional equativo; Tema ideacional predicado; e Tema ideacional preposto. A oração com um Tema ideacional comentário inclui, em geral, o verbo “ser”, uma observação valorativa por parte da/do falante e a conjunção “que”. A oração com um Tema ideacional equativo é reversível, ou seja, o Tema é “igual” ao Rema. A oração com um Tema ideacional predicado é do tipo clivada. E, por fim, o Tema ideacional preposto é assim chamado por ser possível retomá-lo no Rema da mesma oração.

174

Finalmente, o Tema ideacional atributivo preposto consiste em um Atributo (Adjetivo) que está tematizado e que geralmente caracteriza um Participante que se encontra no Rema (FRIO, 2016).

Podemos citar como um exemplo de investigação da organização temática em textos literários o trabalho de Frio (2014). A autora analisa a estrutura temática de *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, e sua tradução para o inglês britânico, *The Tale of the Unknown Island*, feita por Margaret Jull Costa. A autora compara os dois textos a fim de observar diferenças estruturais que surgem com base no processo de tradução, utilizando, para isso, a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday. O artigo mostra que o texto traduzido, quando comparado ao texto-fonte, é mais extenso e com menos dinamicidade lexical. Os elementos temáticos analisados de acordo com a metafunção textual mostram-se equiparáveis entre ambos os textos, mesmo que o texto-fonte apresente mais recorrências de Temas interpessoais (FRIO, 2014). Segundo a autora, as estruturas tematizadas aparecem com mais frequência no texto original, representando tanto uma marca estilística de Saramago quanto uma marca do tipo de texto em si.

Logo em seguida abordamos gênero em tradução.

O livro *Gender in translation*, escrito por Sherry Simon (2005), trata de um estudo das maneiras como gênero é abordado em traduções e os desafios encontrados por tradutoras. Um

desses desafios é o do gênero gramatical, principalmente em textos que inovam, de alguma forma, as práticas de escritura.

A autora usa como exemplo o livro *L'Eugélonne* (1976) da escritora Louky Bersianik que examina a misoginia e o sexismo em nossa sociedade e em suas línguas. Segundo Bersianik, a língua, de várias maneiras, “institui e mantém desigualdades sociais e age como uma ferramenta legitimadora da autoridade patriarcal”⁶ (BERSIANIK, 1976 apud SIMON, 2005, p. 27). Seu propósito no livro é desfazer a maneira como uma gramática centrada no masculino aliena as mulheres e as silencia dentro de nossa sociedade.

Segundo Simon (2005), outra autora a criticar a língua é Mary Daly, que ataca o falocentrismo das instituições ocidentais. Daly enfatiza dois aspectos da linguagem: as estratégias de nomeação e a marcação de gênero gramatical. Simon (2005) afirma que ambas as estratégias envolvem dilemas tradutórios pelo uso de ferramentas específicas da língua francesa, língua utilizada por Bersianik e por Daly.

Mesmo que o gênero gramatical seja apenas uma propriedade formal a qual, teoricamente, não teria influência alguma quando se trata de significado, Jakobson (1959 apud SIMON, 2005) demonstra que, quando o gênero gramatical é utilizado de outra forma além de suas funções comunicativa e instrumental, ele pode ser imbuído de mais significados. Nesses momentos, o significado apresentado pelo gênero gramatical é, acima de tudo, ideológico (SIMON, 2005).

A língua inglesa, por exemplo, pode não possuir um gênero gramatical, como menciona Simon (2005), mas isso não impede as/os falantes de compensar essa ausência com o gênero psicológico ou o metafórico, atribuindo, por meio da oposição binária, gênero aos objetos ou às coisas. Além disso, o masculino, em língua inglesa, é tido pelos gramáticos, como uma forma “neutra”, uma maneira de expressão de universalidade (SIMON, 2005).

Barros (2010) comenta sobre o uso dos “genéricos masculinos” para referenciar seres tanto masculinos como femininos. Ela traz exemplos como “os cientistas” ou “os estudantes de tal curso”, exemplos nos quais o gênero de cada um dos participantes de cada grupo é desconhecido ou considerado irrelevante (BARROS, 2010). O problema, conforme a autora, é que tal imposição gramatical ignora uma referência que é externa. Isso leva a uma análise do sexismo linguístico existente, o que é pertinente para a análise do gênero social:

Nessa abordagem dos gêneros são tratadas questões concernentes às crenças e estereótipos no que diz respeito às condutas sociais de homens e mulheres, que, de

uma forma ou outra, se consolidam pela atividade da linguagem, pela prática social das línguas, deixando nestas as suas marcas. (BARROS, 2010, p. 183).

Segundo Lauretis (1994), o gênero classifica as pessoas em entidades, classes, representando uma relação social. Isso leva a diferentes concepções de masculino e feminino que mudam de acordo com a cultura, formando “dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais” (LAURETIS, 1994, p. 211). Assim, o gênero é construído social e culturalmente, sendo o masculino e o feminino vistos de maneira diferente dependendo da sociedade em que estão inseridos.

2 Metodologia

O corpus da pesquisa constitui-se do conto *Psychology*, de Katherine Mansfield (2001), publicado originalmente em 1920, e de três de suas traduções para o português brasileiro: a tradução de Julieta Cupertino (MANSFIELD, 2000); a tradução realizada por Paola Castro Oliveira (MANSFIELD, 2015); e, por último, a tradução de Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016).

O conto *Psychology* (MANSFIELD, 2001) trata do encontro de duas personagens, uma feminina e outra masculina – sendo que ambas não são nomeadas em nenhum momento da narrativa –, e das discussões e interrogações que advêm de tal encontro. A personagem masculina visita a personagem feminina em sua casa para tomar chá e conversar sobre diversos assuntos, mas acaba por se indagar se o relacionamento entre eles é mesmo real, perguntando-se também o que eles estão fazendo juntos naquele momento. Outras personagens são mencionadas brevemente no conto, tais como Brand, um amigo da personagem masculina, e uma senhora amiga da personagem feminina.

Para realização da anotação manual do texto-fonte e dos textos-alvo, utilizou-se o modelo Código de Rotulação Sistêmico-Funcional, abreviado como CROSF-15 (FEITOSA, 2006). Esse Código é composto de números, mas, para fins explicativos, utilizaremos o modelo *ab cdefg*. Cada posição está correlacionada com a posição anterior: assim, *b* depende de *a* para ser classificado e assim por diante. As únicas posições que não dependem da posição anterior para serem classificadas são *a* e *c*.

Apresentamos a seguir um exemplo do TF (texto-fonte) extraído do corpus da pesquisa a fim de demonstrar o funcionamento de um rótulo baseado no CROSF-15.

EXEMPLO 1:

“I <1111100> never realized until this moment...” (MANSFIELD, 2001)

O primeiro 1 mostra que se trata de um Tema simples. O 1 seguinte demonstra a posição do Tema na oração, sendo, no caso, a primeira posição. A seguir apresenta-se a Função do Tema, sendo que o rótulo 1 demonstra que o Tema do Exemplo 1 é ideacional. As duas posições em seguida apresentam as especificidades da Função: 1 demonstra que a Função Ideacional é não marcada e 1 mostra que não há interpolação do Participante. Os tipos de Processo e de Participante não foram analisados e, portanto, receberam os rótulos 0 e 0, respectivamente.

Às personagens femininas e masculinas dos contos na função de Tema ideacional participante e de Tema ideacional participante elíptico foram atribuídos os seguintes rótulos: a personagem feminina principal recebeu o rótulo <1>, enquanto a personagem feminina secundária recebeu o rótulo <2>; a personagem masculina principal foi rotulada como <3>, enquanto as duas outras personagens masculinas – o menino da pintura e Brand, um amigo da personagem masculina principal – as quais são mencionadas brevemente na narrativa, foram rotuladas como <4> e <5>, respectivamente; ocorrências em que a personagem feminina principal e a personagem masculina principal foram mencionadas em conjunto receberam o rótulo <6>; outras ocorrências foram rotuladas como <7>. Tal rotulação foi feita com o intuito de demonstrar como as personagens em posição temática são importantes para a narrativa, assim como também analisar as questões de gênero presentes nos contos.

As anotações foram realizadas no editor de texto *Microsoft Word* da plataforma *Windows*. Depois, os documentos foram convertidos para .txt e quantificados na ferramenta *Concord* do *Wordsmith Tools* (versão 4.0) a fim de gerar dados quantitativos que serviram de base para uma análise qualitativa.

3 Resultados e discussão

Esta seção traz os dados quantitativos dos Temas no corpus que são discutidos à luz da fundamentação teórica deste artigo. Nas tabelas e nos exemplos, TF significa “Texto-Fonte” (MANSFIELD, 2001); TA1 refere-se a “Texto-Alvo 1”, cuja tradutora é Julieta Cupertino (MANSFIELD, 2000); TA2 diz respeito a “Texto-Alvo 2”, traduzido por Paola Castro Oliveira (MANSFIELD, 2015); e, por fim, TA3 é atribuído a “Texto-Alvo 3”, cuja tradução ficou a cargo de Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016). Cumpre salientar que nos exemplos os

Temas estão em itálico. Cumpre salientar também que para indicar os Temas ideacionais participantes elípticos acrescentou-se o símbolo Ø.

Tabela 1 – Quantificação dos Temas simples e múltiplos do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema simples	209	207	208	202
Tema múltiplo	398	395	408	411

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Conforme a Tabela 1, no corpus, há mais ocorrências de Temas múltiplos (EGGINS, 2004) em comparação aos Temas simples (EGGINS, 2004). Tanto a autora quanto as tradutoras empregam Temas interpessoais e/ou Temas textuais em maior grau se comparados às ocorrências de Temas simples que somente apresentam Temas ideacionais. Isso significa que os Temas desse corpus possuem uma carga interpessoal e/ou textual bastante significativa.

Considerando as traduções, de acordo com a Tabela 1, Oliveira (TA2) usa mais Temas simples enquanto que Bottmann (TA3) utiliza mais Temas múltiplos. Apesar de as diferenças não serem discrepantes, pode-se afirmar que Bottmann confere mais significados interpessoais e/ou textuais aos Temas do TA3 ao passo que Oliveira tende a simplificar em maior grau os Temas do TA2.

178

Consideremos o Exemplo 2.

EXEMPLO 2:

TF: *I've never realized this consciously before.*

TA1: (...) *nunca antes* havia tomado consciência disso.

TA2: (...) Ø *nunca* tinha percebido isso conscientemente antes.

TA3: Ø *Nunca* tinha percebido antes.

A oração de TF possui um Tema simples, qual seja, “*I*”. Pode-se notar que o Adjunto Modal “*never*” está tematizado nos textos traduzidos como o Adjunto Modal “*nunca*”, formando Temas múltiplos com a Circunstância “*antes*” (TA1) e com os Sujeitos elípticos (TA2 e TA3). A tematização desse Adjunto Modal nas traduções mostra um traço linguístico particular da língua portuguesa em comparação à língua inglesa.

Tabela 1 – Quantificação dos Temas não marcados e marcados do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema não marcado	326	314	331	318
Tema marcado	72	74	66	74

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Consoante a Tabela 2, pode-se observar que há mais Temas não marcados que Temas marcados no corpus. Isso significa que tanto o texto-fonte quanto os textos-alvo apresentam Temas ideacionais que privilegiam o padrão SVO, qual seja, Sujeito-Verbo-Objeto, que é linguisticamente mais usual, como pode ser observado em Pagano (2005). Além disso, levando em conta o TA1, o TA2 e o TA3, pode-se perceber que no TA2 ocorrem mais Temas não marcados e menos Temas marcados, mostrando assim que esse texto-alvo segue de maneira mais próxima o texto-fonte.

Vejamos o Exemplo 3.

EXEMPLO 3:

TF: *Now* I come to think of it (...)

TA1: Ø Estou pensando isso agora; (...)

TA2: *Agora* pensei nisso (...)

TA3: *Isso* me ocorre agora; (...)

O TF e o TA2 tematizam Circunstâncias (“*Now*” e “*Agora*”, respectivamente) que são Temas marcados. Já TA1 e TA3 optam por Temas não marcados. No TA1, há um Tema ideacional participante elíptico. No TA3, há um Tema ideacional participante. Pode-se notar que tanto o TA1 quanto o TA3 escolhem posicionar a Circunstância no Rema das orações.

Tabela 2 – Quantificação dos Temas interpessoais e textuais do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema interpessoal	44	43	41	42
Tema textual	163	167	178	176

Fonte: elaboração de nossa autoria.

A Tabela 3 aponta que os Temas textuais (EGGINS, 2004) são mais frequentes que os Temas interpessoais (EGGINS, 2004) no corpus. Isso quer dizer que Conjunções e Adjuntos Conjuntivos, por exemplo, são mais frequentemente tematizados que os Adjuntos Modais e outras categorias atreladas à metafunção interpessoal. Desse modo, pode-se perceber que a textualidade temática é um traço linguístico relevante para o estabelecimento de relações lógico-semânticas entre as orações.

Observemos o Exemplo 4.

EXEMPLO 4:

TF: *And yet he* longed to break it.

TA1: *Ainda assim, ele* desejava quebrá-lo.

TA2: *E mesmo assim ele* queria quebrá-lo.

TA3: *E mesmo assim ele* queria rompê-lo.

TF, TA2 e TA3 apresentam os Temas textuais “*And*”, “*E*”, “*E*”, respectivamente; e todas as orações do Exemplo 4 possuem os Temas textuais “*yet*”, “*ainda assim*”, “*mesmo assim*”, “*mesmo assim*”, respectivamente. TA1 omite a Conjunção “*And*” e utiliza somente o Adjunto Conjuntivo “*Ainda assim*”. Pode-se considerar que, globalmente, há mais Temas textuais no corpus se comparado aos Temas interpessoais. Porém, localmente, TA1 não traduz um Tema textual do TF. Isso pode relacionar-se ao que Barcellos (2016) diz sobre o tradutor manter o padrão, mas em alguns momentos quebrá-lo, visto que nesse exemplo não há tradução de um Tema textual por parte de Cupertino.

Tabela 3 – Quantificação dos Temas ideacionais participantes e participantes elípticos do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema ideacional participante	243	166	205	117
Tema ideacional participante elíptico	57	122	97	168

Fonte: elaboração de nossa autoria.

180

Consoante a Tabela 4, de modo global, os Temas ideacionais participantes (FRIO, 2014) são preponderantes no corpus se comparados aos Temas ideacionais participantes elípticos (FRIO, 2014). Isso denota que há mais Sujeitos expressos do que elididos em função temática. Levando em conta os textos traduzidos, o TA3 de Bottmann elide o Sujeito com mais frequência e o TA2 de Oliveira expressa o Sujeito mais frequentemente. Assim, pode-se constatar que TA2 está mais próximo de TF nesse quesito.

Verifiquemos o Exemplo 5.

EXEMPLO 5:

TF: “*Do you feel this too? Do you understand it at all?*”...

TA1: “*Você sente isso também? Você compreende?*”

TA2: “*Você sente isso também? Você entende isso de qualquer modo?*”...

TA3: “*Você sente isso também? Consegue entender?*”...

TF, TA1 e TA2 possuem Temas ideacionais participantes (“*you*”, “*you*”, “*Você*”, “*Você*”, “*Você*”, respectivamente). TA3 também possui um Tema ideacional

participante (“Você”), porém o Tema da segunda oração é ideacional participante elíptico, cujo Sujeito é recuperável por anáfora, pelo co-texto e pela desinência verbal.

Tabela 4 – Quantificação dos Temas ideacionais circunstância, processo e oracional do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema ideacional circunstância	32	34	32	32
Tema ideacional processo	38	44	36	44
Tema ideacional oracional	9	10	8	9

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Em geral, conforme a Tabela 5, os Temas ideacionais circunstância, processo e oracional realizam-se de forma equilibrada em todos os textos. Esses Temas são marcados, uma vez que não coincidem com os Sujeitos das orações (cf. MARTIN; ROSE, 2007), como dito anteriormente. Pode-se observar localmente uma pequena discrepância no que tange aos Temas ideacionais processo, ou seja, o TA1 de Cupertino e o TA3 de Bottmann apresentam 8 ocorrências adicionais desses Temas em comparação ao TA2 de Oliveira e 6 ocorrências adicionais se comparados ao TF de Mansfield. Dessarte, parece que essas tradutoras utilizam os Processos antepostos aos Sujeitos com mais frequência que o TA2 de Oliveira e o TF de Mansfield.

181

Levemos em conta os Exemplos 6, 7 e 8.

EXEMPLO 6:

TF: *Instead, to his horror*, he heard himself say: “I must be off; I’m meeting Brand at six.”

TA1: *Em vez disso, para seu horror*, ele se ouviu dizer: “Preciso ir. Tenho um encontro com Brand às seis.”

TA2: *Em vez disso, para seu espanto*, ele se ouviu dizer: “Eu devo partir; Vou encontrar Brand às seis.”

TA3: *No entanto, para seu horror*, ele se ouviu dizer:

— Preciso ir; vou encontrar Brand às seis.

O Exemplo 6 traz Circunstâncias de Ângulo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) como Temas ideacionais marcados nos textos em relação de tradução, quais sejam, “*to his horror*” (TF), “*para seu horror*” (TA1 e TA3) e “*para seu espanto*” (TA2). Essas Circunstâncias exprimem o ponto de vista da usuária da língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), nesse caso, da personagem masculina principal dos contos. O TA1 de Cupertino e o TA3 de Bottmann apresentam configurações semelhantes no tocante a esses Temas ao passo que o TA2 de

Oliveira usa “espanto” em vez de “horror”. Tal diferença não tem impacto temático, já que há Temas ideacionais circunstância nas quatro sentenças do Exemplo 6.

EXEMPLO 7:

TF: “*What a spectacle we have made of ourselves,*” *thought* she.

TA1: “*Que espetáculo fizemos de nós mesmos?*” *pensou* ela.

TA2: “*Que espetáculo fizemos de nós mesmos,*” *ela* *pensou*.

TA3: “*Que espetáculo armamos nós dois,*” *pensou* ela.

No Exemplo 7, os Temas ideacionais processo são “*thought*” (TF), “*pensou*” (TA1 e TA3). O TA2 de Oliveira opta por um Tema ideacional participante, isto é, “*ela*”, e o Processo “*pensou*” encontra-se no Rema da oração. Pode-se perceber que, localmente, desta vez, o TA2 de Oliveira distancia-se do TF de Mansfield.

EXEMPLO 8:

TF: *He* looked at it *as he* spoke.

TA1: *Enquanto falava*, ele olhava para a peça, (...)

TA2: *Ele* olhou para ela *enquanto* Ø falava.

TA3: Ø Olhou para a peça *enquanto* Ø falava.

182

Considerando o Exemplo 8, a oração hipotática “*as he spoke*” do TF também se encontra nos Remas de TA2 e TA3, ou seja, “*enquanto falava*”. Cupertino (TA1) escolhe posicionar essa oração no início da sentença, tornando-a um Tema ideacional oracional que é marcado. Temas marcados podem indicar uma nova fase discursiva no texto, como apontado por Martin e Rose (2007). Talvez, com essa escolha, Cupertino (TA1) tenha querido dar proeminência a esse trecho do texto traduzido.

Tabela 5 – Quantificação das estruturas tematizadas do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema ideacional comentário	5	4	5	5
Tema ideacional equativo	1	2	3	4
Tema ideacional predicado	8	7	6	6
Tema ideacional preposto	-	-	-	-

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Consoante a Tabela 6, pode-se observar que há poucas ocorrências de estruturas tematizadas (THOMPSON, 2014) no corpus, sendo que o Tema ideacional preposto não ocorre

nenhuma vez. Isso é sinal de que a oralidade e a coloquialidade (THOMPSON, 2014) não são bastante utilizadas mediante os recursos linguísticos dessas estruturas.

Consideremos os Exemplos 9, 10 e 11.

EXEMPLO 9:

TF: “*How good it is just to be with you...*”

TA1: “*Como é bom simplesmente estar com você...*”

TA2: “*O quanto é bom estar com você...*”

TA3: -- *Como é bom estar com você...*

O Exemplo 9 mostra orações com um Tema ideacional comentário no TF, TA1, TA2 e TA3. O adjetivo com valoração positiva “*good*” é traduzido como o adjetivo “bom” nas três traduções e este último adjetivo tem conotação positiva também. Esses adjetivos contribuem para a apreciação da personagem masculina principal através de um diálogo. Note-se que os verbos conjugados “*é*” estão antepostos aos adjetivos nos textos traduzidos, o que não acontece no texto-fonte. Isso relaciona-se a particularidades de cada um dos sistemas linguísticos envolvidos.

183

EXEMPLO 10:

TF: “*I have been thinking over what you said last time (...)*”

TA1: “*Estive pensando sobre o que você me disse na última vez (...)*”

TA2: “*Eu andei pensando sobre o que você disse na última vez (...)*”

TA3: “*Andei pensando no que você disse da última vez (...)*”

No Exemplo 10, os Temas de trechos do diálogo do TF, TA1, TA2 e TA3 referentes à outra fala da personagem masculina principal são ideacionais equativos. As orações com esses Temas apresentam reversibilidade. Por exemplo, a oração do TA1 “Estive pensando sobre o que você me disse na última vez (...)” pode ser parafraseada como “Sobre o que você me disse na última vez estive pensando (...)”. Pode-se afirmar que orações dessa natureza são bastante flexíveis em função de serem reversíveis. Tal fato é condizente com diálogos ficcionais que simulam a oralidade.

EXEMPLO 11:

TF: *And the best of it was they were both of them old enough to enjoy their adventure to the full without any stupid emotional complication.*

TA1: *E o melhor de tudo era que ambos tinham idade bastante para viverem com total prazer a aventura, sem qualquer estúpida complicação emocional.*

TA2: *A melhor parte era que* ambos eram experientes o suficiente para aproveitar sua aventura por completo, sem nenhuma complicação emocional tola.

TA3: *E o melhor era que* ambos tinham idade suficiente para aproveitar a aventura ao máximo sem qualquer tola complicação emocional.

As orações do TF, TA1, TA2 e TA3 relativas ao Exemplo 11 possuem Temas ideacionais predicados. À primeira vista, as orações de TF, TA1 e TA3 poderiam ser confundidas como Temas ideacionais comentários, haja visto que as palavras “*best*” e “*melhor*” poderiam ser consideradas adjetivos com avaliatividade. No entanto, essas palavras são núcleos dos grupos nominais, sendo identificadas assim como substantivos. Isso demonstra que a anotação de corpus não é uma tarefa fácil, uma vez que demanda conhecimento, atenção e revisões sucessivas. No que tange ao TA2, “*melhor*” é realmente um adjetivo que qualifica o substantivo “*parte*”, que é núcleo do grupo nominal correspondente.

Tabela 6 – Temas ideacionais atributivos prepostos do corpus

	TF	TA1	TA2	TA3
Tema ideacional atributivo preposto	2	-	-	1

Fonte: elaboração de nossa autoria.

184

De acordo com a Tabela 7, verifica-se que o Tema ideacional atributivo preposto manifesta-se somente no texto-fonte e no TA3, apresentando apenas 2 ocorrências e 1 ocorrência, respectivamente. Esse Tema é marcado e geralmente não se realiza com muita frequência, como observado por Frio (2014), visto que é relativamente incomum encontrar Atributos (Adjetivos) no início de sentenças em textos ficcionais.

Vejamos o Exemplo 12.

EXEMPLO 12:

TF: *Vague and troubled* though they were, *they* knew enough to realize *their precious friendship* was in danger.

TA1: *Embora estivessem indecisos e perturbados*, eles sabiam bastante para perceber *que sua amizade tão preciosa* estava em perigo.

TA2: *Embora fossem incertos e confusos*, eles sabiam o suficiente para perceber *que sua amizade preciosa* estava em risco.

TA3: *Por vagos e perturbados* que estivessem, \emptyset podiam perceber *que a preciosa amizade deles* estava em perigo.

Levando o Exemplo 12 em consideração, “*Vague and troubled though they were*” do texto-fonte poderia ser considerado um Tema ideacional oracional. Contudo, estilisticamente

(BURKE, 2014; CHAPMAN; CLARK, 2014), a inversão dos Atributos (Adjetivos) “*Vague*” e “*troubled*” não deve ser ignorada. Por isso que “*Vague and troubled*” foi classificado como um Tema ideacional atributivo preposto, pois seu posicionamento “inesperado” pode ser considerado um pequeno traço de estilo de Mansfield. Cupertino (TA1) e Oliveira (TA2) traduzem esse Tema como ideacional oracional ao não posicionar os Atributos (Adjetivos) bem no início da sentença. Essas tradutoras “desmembram” o trecho correspondente do texto-fonte, optando assim por uma tradução que pode ser vista como mais usual e palatável. Já Bottmann (TA3) segue a linha do texto-fonte, ao colocar os Atributos (Adjetivos) de forma similar a Mansfield. Isso pode demonstrar que essa tradutora é sensível ao pequeno traço estilístico de Mansfield.

Tabela 7 – Quantificação de Temas ideacionais participantes e Temas ideacionais participantes elípticos que apresentam as personagens dos contos e outras ocorrências

	TF	TA1	TA2	TA3
Personagem feminina 1	81	78	85	77
Personagem feminina 2	12	15	16	14
Personagem masculina 1	87	79	81	82
Personagem masculina 2	-	1	-	1
Personagem masculina 3	1	1	1	2
Personagem feminina 1 e personagem masculina 1	32	29	36	27
Outras ocorrências	86	82	82	77

Fonte: elaboração de nossa autoria.

A Tabela 8 mostra como a estrutura temática é útil para investigar questões narrativas. Pode-se observar que existem mais ocorrências de personagens como Temas ideacionais participantes e Temas ideacionais participantes elípticos no corpus em comparação às outras ocorrências, que não incluem essas personagens. Assim, há proeminência de entes ficcionais em função temática nos contos em relação de tradução. Ao rastreá-los, a estilista tradutória depara-se com dados para descrever a narratividade, tendo em mente que as escolhas tradutórias podem influir nessas questões.

No tocante às questões de gênero, por um lado, somando-se separadamente as personagens femininas e as personagens masculinas, pode-se perceber que as primeiras são mais frequentes. Isso aponta que as personagens femininas 1 e 2 apresentam vozes mais

expressivas quando agrupadas em comparação às personagens masculinas 1, 2 e 3. Por outro lado, considerando somente a personagem feminina 1 e a personagem masculina 1, que são protagonistas do conto e suas respectivas traduções, pode-se observar que em geral a última ocorre com mais frequência. Esta configuração, nos moldes de Bersianik (1976 apud SIMON, 2005), pode apontar que há uma espécie de silenciamento da personagem feminina 1 se comparada à personagem masculina 1. O silenciamento pode manifestar-se com a voz da personagem masculina 1 ofuscando a voz da personagem feminina 1 pelo fato de a primeira apresentar mais ocorrências como Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos. Isso pode demonstrar uma desigualdade de gênero sob esse ponto de vista, visto que a personagem feminina 1 não se sobrepõe à personagem masculina 1, como ocorre quando as personagens femininas 1 e 2 são reunidas. Parece que a personagem feminina 1 torna-se enfraquecida quando considerada individualmente. Além disso, a personagem masculina 1 é referida com frequência pelo pronome pessoal *he* em inglês e “ele” em português brasileiro. No caso do texto-fonte e seus respectivos textos-alvo, o gênero gramatical assume aqui outros significados, como aponta Jakobson (1959 apud SIMON, 2005), ou seja, ele é usado para tornar as manifestações da personagem masculina 1 mais preponderantes, o que culmina no já citado silenciamento da personagem feminina 1. Ademais, pode-se notar que existem perspectivas distintas de interpretação quando se olham os dados globalmente e/ou localmente, como dito anteriormente.

Essa análise de gênero não intenciona ser exaustiva e pode servir de sugestão para outros trabalhos que desejem investigar esse tema baseando-se em categorias estruturais.

Ao levar em conta as personagens feminina 1 e masculina 1 conjuntamente, Cupertino (TA1) e Bottmann (TA3) apresentam menos exemplos dessas personagens em cotejo com o texto-fonte. No TA2 de Oliveira, as personagens no âmbito dos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos têm um número mais elevado de realizações que nos outros textos traduzidos. Isso pode demonstrar que Oliveira (TA2) explicita em maior grau os entes ficcionais, o que comparativamente não acontece com Cupertino (TA1) e Bottmann (TA3).

Observemos os Exemplos 13 e 14.

EXEMPLO 13:

TF: *She* said: “*I* must make up the fire,” (...)

TA1: *Ela* disse: “Ø Preciso reavivar o fogo.”

TA2: *Ela* disse: “*Eu* devo reacender o fogo”, (...)

TA3: *Ela* disse: “Ø Tenho de avivar o fogo”, (...)

O Exemplo 13 mostra a personagem feminina 1 em orações com projeção (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Na oração projetante, essa personagem está em terceira pessoa ao passo que na oração projetada ela aparece em primeira pessoa. Nesta última, a personagem feminina 1 apresenta sua fala. Essas orações apontam alguns recursos linguísticos para se referir a entes ficcionais, recursos esses que têm impacto na narratividade.

Quanto aos Temas do Exemplo 13, a maioria é ideacional participante com exceção daqueles nas orações projetadas do TA1 e do TA3, que são ideacionais participantes elípticos. O TA2 explicita o Sujeito da oração projetada assim como o TF, tornando-a mais literal.

EXEMPLO 14:

TF: (...) the head to one side down-drooping, the lips parted, *as though in his sleep* the little boy listened to some sweet sound...

TA1: (...) a cabeça para um lado, ligeiramente inclinada, os lábios entreabertos, *como se o menino*, em seu sono, estivesse atento a um som doce.

TA2: (...) a cabeça caindo para um lado, os lábios divididos, *embora no sono* o menininho ouvisse um doce som...

TA3: (...) o menino de cabeça baixa e inclinada de lado, os lábios entreabertos, *como se Ø* ouvisse no sono algum som suave...

187

No Exemplo 14, mostram-se sentenças incluindo a personagem masculina 2, qual seja, o menininho. Tematicamente, ele é referido na Circunstância “*in his sleep*” do TF. Como a personagem masculina 2 do TF não se manifesta em um Tema ideacional participante ou ideacional participante elíptico, ela não foi contabilizada. Note-se que a Circunstância do TF encontra-se no Rema do TA1 e do TA3. Novamente, TA2 obedece ao TF, ao tematizar a Circunstância. Ademais, TA1 e TA3 apresentam a personagem masculina 2 em um Tema ideacional participante e ideacional participante elíptico, respectivamente. Considerando o Exemplo 14, esses últimos textos parecem ser mais pragmáticos que o TA2 por apresentarem uma linguagem mais fluida com as Circunstâncias em função remática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo mostrou uma análise da estrutura temática do conto *Psychology* (MANSFIELD, 2001) e de três de suas traduções para o português brasileiro (MANSFIELD, 2000, 2015, 2016), tendo por base a Estilística Tradutória (MALMKJAER, 2003, 2004) e a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Há pouca variação de frequência dos Temas nos contos que compõem o corpus analisado (TF, TA1, TA2, TA3). Contudo, pode-se observar que existe uma grande variedade

de Temas e que somente algumas estruturas tematizadas não ocorrem nesse corpus. Isso significa que a organização temática nos contos em relação de tradução não é restrita, abrangendo vários tipos de Temas. Ademais, pode-se verificar que a estrutura temática se torna relevante para investigar a narratividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), visto que as personagens se realizam com muita frequência nos Temas ideacionais participantes e ideacionais participantes elípticos. Além disso, pode-se dizer que há mais ocorrências de Temas múltiplos do que Temas simples, mostrando uma carga interpessoal e/ou textual temática expressiva nos contos em relação de tradução. Há, também, um maior número de Temas não marcados do que Temas marcados, significando que o corpus apresenta mais Temas ideacionais que seguem o padrão SVO. Ademais, o corpus apresenta uma frequência maior de Temas ideacionais participantes em comparação a Temas ideacionais participantes elípticos. Isso quer dizer que os Participantes em função temática estão expressos mais frequentemente do que elididos, o que torna mais fácil sua identificação para a leitora.

Ao se tratar das questões de gênero, pode-se afirmar que, quando analisadas em conjunto, as personagens femininas são mais frequentes do que as personagens masculinas. Entretanto, analisando-se somente a personagem feminina 1 e a personagem masculina 1, percebe-se um silenciamento (BERSIANIK, 1976 apud SIMON, 2005) dessa personagem feminina, a qual ocorre menos frequentemente do que a personagem masculina.

Com a estilística tradutória em mente, esperamos ter contribuído para um melhor entendimento de como a estrutura temática, gênero e a narratividade podem ser relacionados em investigações acerca de textos literários e suas traduções.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H. C. *Eventyr: Kritisk udgivet cfter de originale Eventyrhcrfter med Variarzter ved Erik Dal og Kommerztarved Erling Nielsen*. Copenhagen: Hans Reitzels Forlag, I: 1835-1842, 1963; II: 1843-1855, 1964.

BARCELLOS, C. P. Estudo de caso sobre a relação entre características dos textos traduzidos e estilo da tradução. *Artefactum*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-12, 2016. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1035>. Acesso em: 5 set. 2020.

BARROS, D. Gêneros gramatical, textual e social nos estudos linguísticos. *Acta Scientiarum – Language and Culture*, Maringá, v. 32, n. 2, p.181-189, jul./dez., 2010.

BERSIANIK, L. *L'Euguélionne*. Montreal: La Presse, 1976.

BURKE, M. Introduction. In: BURKE, M. (org.). *The Routledge handbook of stylistics*. London and New York: Routledge, 2014. p. 1-7.

CARTER, R. Methodologies for stylistic analysis: Practices and pedagogies. In: McINTYRE D.; BUSSE, B. (eds). *Language and style*. London: Palgrave, 2010. p. 55-68.

CHAPMAN, S.; CLARK, B. Introduction: pragmatics literary stylistics. In: CHAPMAN, S.; CLARK, B. (orgs.) *Pragmatic literary stylistics*. London and New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 1-15.

DALY, Mary. *Gyn/Ecology: the metaethics of radical feminism*. Boston: Beacon Press, 1978.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London and New York: Continuum, 2004.

FEITOSA, M. P. Developing and applying CROSF: a numeric code proposed for corpora annotation, based on Halliday's Systemic Functional Grammar. In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS, 33, 2006, São Paulo. *Proceedings...* São Paulo: PUC, 2006. p. 1130-1150. Disponível em: https://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/57cda_feitosa_1130a1150.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.

FIRTH, J. R. A synopsis of linguistic theory 1930–1955. *Studies in linguistic analysis*. Philological Society, 1957, p. 1–32.

189

FRIO, F. S. Estrutura temática em “O Conto da Ilha Desconhecida” e “The Tale of the Unknown Island”, de José Saramago. *Polissema*, São Mamede de Infesta, n. 14, p. 173-192, 2014. Disponível em; <https://parc.ipp.pt/index.php/Polissema/article/view/3045>. Acesso em: 5 set. 2020.

FRIO, F. S. *Estrutura temática no corpus paralelo de tradução: As intermitências da morte/Death with interruptions*. 2016. 159f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

GOUVEIA, C. A. M.; BARBARA, L. Marked or unmarked, that is not the question. The question is: Where is the Theme? *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 46, p. 155-177, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/7399>. Acesso em: 5 set. 2020.

HALLIDAY, M. A. K. Categories of the theory of grammar. *WORD* v. 17 (3), p. 241–92, 1961.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2nd. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. London and New York: Routledge, 2014.

HJELMSLEV, L. *Prolegomena to a theory of language*. Madison: University of Wisconsin Press, 1961.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007. p. 63-72.

LAURETIS, T de. A Tecnologia do gênero. Traduzido por: H. B. Holanda. In: HOLLANDA, H. B. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994. p. 206-241.

MALMKJAER, K. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*, v. 13 (1), p. 13-24, 2004.

MALMKJAER, K. What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics. *Target*, Amsterdam, v. 15, p. 37-58, 2003.

MANSFIELD, K. Psicologia. In: MANSFIELD, K. *Felicidade e outros contos*. Traduzido por: Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2000. Tradução de: *Collected stories*.

MANSFIELD, K. Psicologia. In: MANSFIELD, K. *Os melhores contos de Katherine Mansfield*. Traduzido por: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016. Tradução de: *Collected stories*.

190

MANSFIELD, K. Psicologia. Traduzido por: Paola Castro Oliveira. *Mafuá*, Florianópolis, n. 24, p. 12-20, 2015. Tradução de: *Psychology*.

MANSFIELD, K. Psychology. In: MANSFIELD, K. *The collected stories*. London and New York: Penguin, 2001 [1920].

MARTIN, J. Meaning matters: a short history of Systemic Functional Linguistics. *WORD*, v. 62, n. 1, p. 35-68, 2016.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London and New York: Continuum, 2007.

PAGANO, A. Organização temática e tradução. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs.) *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 247-299.

PYM, A. *Explorando as teorias da tradução*. Traduzido por: Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017. Tradução de: *Exploring translation theories*.

RAVELLI, L. Getting started with functional analysis of texts. In: UNSWORTH, L. (org.) *Researching language in schools and communities: functional linguistics perspectives*. London: Cassel, 2000. p. 27-64.

RIBEIRO, L. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 30, p. 210-234, 2017. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/SAB/article/view/517>. Acesso em: 5 set. 2020.

SARAMAGO, J. *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARAMAGO, J. *The Tale of the Unknown Island*. Traduzido por: Margaret Jull Costa. London: Harcourt, 1999. Tradução de: *O Conto da Ilha Desconhecida*.

SIMON, S. *Gender in translation: cultural identity and the politics of transformation*. London and New York: Routledge, 2005.

SPIVAK, G. The politics of translation. In: VENUTI, L. *The translation studies reader*. New York: Routledge, 2012. p. 312-330.

SHORT, M. *Exploring the language of poems, plays and prose*. London: Longman, 1996.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 3 ed. London and New York: Routledge, 2014.

¹ Para os propósitos do presente artigo, escolhemos utilizar o feminino ao invés do masculino, dada a ausência de um pronome neutro em língua portuguesa. Assim, em vez de “o tradutor”, para casos generalizantes, utilizaremos “a tradutora”. Essa é uma escolha consciente que visa problematizar o uso do masculino como neutro. Para isso, nos baseamos nos escritos de Gayatri Spivak (1994; 2010 apud RIBEIRO, 2017). Spivak (2012) considera que a tradutora feminista deve tratar a linguagem como uma forma de entender a *agente*, a pessoa que age, e como funciona tal agência genericada, sendo que a própria autora utiliza o feminino em seus escritos ao invés do masculino. A autora busca desconstruir a ideologia masculino-imperialista que domina o meio acadêmico, procurando “desaprender o masculinismo do sujeito soberano moderno para produzir outras reflexões, outros recursos intelectuais que nos sejam necessários” (SPIVAK, 1994; 2010 apud RIBEIRO, 2017, p. 211).

² Tradução nossa. No original: “open, evidenced and retrievable”.

³ Tradução nossa. No original: “empirical or forensic discourse critic”.

⁴ Tradução nossa. No original: “stylistics encourages literary criticism to be about more than just opinions”.

⁵ Tradução nossa. No original: “not to offer new readings or to suggest interpretations or evaluations (...) rather, the aim is to understand and explain how such readings, interpretations and evaluations arise, develop and spread”.

⁶ Tradução nossa. No original: “Bersianik insists on the numerous ways in which language institutes and maintains social inequalities, and acts as a legitimating tool of patriarchal authority”.

NOTA DAS AUTORAS

Márcia Tavares CHICO – Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Letras (2017) pela mesma instituição. Especialista em História em Quadrinhos (2020) pelas Faculdades EST. Graduada em Letras Portugêses/Inglês e Respectivas Literaturas (2013) pela Universidade Federal de Pelotas. Graduanda em Letras/Tradução Inglês/Português. Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7574-9655>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/0872269399309968>

E-mail: marciatch@gmail.com

Roberta Rego RODRIGUES – Professora associada da Universidade Federal de Pelotas. Doutora (2010) e Mestre (2005) em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciada em Letras – Língua Inglesa (2003) pela mesma instituição. Realizou pesquisa de pós-doutorado (2018-2019) na Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Bacharelado em Letras/Tradução. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1580-1789>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/6281175549996840>

E-mail: betareseau@gmail.com